

Pr. Leandro B. Peixoto

Segunda Igreja Batista em Goiânia

www.sibgoiania.org

20 de abril de 2025

[Páscoa]

Mensagem avulsa

O Quinteto da Ressurreição

“Mas Cristo de fato ressuscitou dos mortos.”

1Coríntios 15.20 (NVT)

O sábado chegou acompanhado do luto: pesado, imóvel, cheio de sombras que ninguém consegue espantar. O corpo de Jesus jazia em um túmulo emprestado. As mãos que curaram estavam frias. A voz que acalmou o vento agora se calava. O céu, naquele dia, não dizia nada. Nem uma palavra. Os que o amavam estavam feridos. Não havia mais o que fazer. Apenas esperar. Alguns mantiveram a vigília, ainda que com os olhos marejados e a alma em pedaços. Outros foram embora. A esperança parecia ter sido crucificada junto com o Cristo.

Mas graças a Deus, o sábado não foi o fim. Ele foi apenas o intervalo. O breve silêncio antes da nota mais alta. A madrugada antes do cântico da vitória.

No domingo, Jesus ressuscitou. E há quatro vozes que nos contam essa história: Mateus, Marcos, Lucas e João. Cada um contemplou a maravilha da ressurreição sob um ângulo distinto. Cada um escreveu com sua própria tinta, imprimindo seu próprio timbre. E quando essas vozes se encontram, não ouvimos uma só nota arrastada — ouvimos harmonia. Não há dissonância, há melodia.

Depois vem Pedro, em Atos 2. E o que temos já não é apenas um ajuntamento de vozes arrançadas — é um quinteto magnífico. O Quinteto da Ressurreição. Contratenor,

tenor, barítono, baixo-barítono e baixo: cada voz com seu timbre, sua força, seu lugar. Todas sob a regência do Espírito Santo.

Os Naipes Vocais

Essas cinco vozes entoam a mesma canção. Proclamam a mesma verdade: Cristo vive. Ele ressuscitou. Ele venceu a morte. Ele reina. e voltará Não há contradição entre elas.

Contudo, somos mais edificados — e conduzidos a uma compreensão mais profunda — quando reconhecemos e apreciamos a singularidade de cada timbre vocal, cada ênfase teológica, cada papel na grande sinfonia da ressurreição.

Mateus entoa a melodia principal com clareza e estrutura — **é o primeiro-tenor** do grupo. Com voz firme e equilibrada, conecta a ressurreição à história de Israel: Jesus é o Messias prometido, que venceu a morte e agora reina com autoridade total. Seu Evangelho culmina na Grande Comissão: o Cristo ressuscitado envia os discípulos a fazerem discípulos de todas as nações. Em Mateus, a ressurreição confirma que o Reino chegou, e a missão da Igreja está em marcha. E todos devem adorar o Cristo.

Marcos fala com urgência e impacto — **é o segundo-tenor**. Seu relato é enxuto, direto, e termina abruptamente, com mulheres fugindo do túmulo, tomadas de temor. Mas esse silêncio final ressoa como um poderoso chamado à fé: *Você crê que ele ressuscitou? Está disposto a anunciá-lo?* Marcos confronta o leitor com o túmulo vazio e o força a uma resposta. Sua voz reforça a harmonia, interagindo com a gravidade, apontando para a realidade concreta da morte e ressurreição — e convoca à ação imediata.

Lucas traz um timbre caloroso, cheio de empatia e compaixão — **é o barítono**. Sua narrativa está repleta de encontros, refeições, gestos de cuidado. O Cristo ressuscitado caminha com os discípulos, parte o pão, acalma corações temerosos. Em Lucas, a ressurreição é a prova de que Deus cumpre suas promessas e de que Jesus continua presente com seu povo. Sua voz transmite consolo, esperança e humanidade.

João é a voz aguda, luminosa, ornamental — **o contratenor**. Sua escrita transcende o chão da história para nos conduzir às alturas da revelação divina. A ressurreição, para ele, é a prova definitiva de que Jesus é o Verbo eterno, o Filho de Deus, a Luz que venceu as trevas. Em João, a fé é o objetivo: “para que vocês creiam que Jesus é o Cris-

to, o Filho de Deus, e para que, crendo nele, tenham vida pelo poder do seu nome” (Jo 20.31). Sua voz brilha com elevação doutrinária e beleza espiritual, trazendo convicção.

Pedro, em Atos 2, entra com o peso e a profundidade do **baixo**. Seu sermão no Pentecostes é a âncora teológica e apostólica da fé cristã. Ele interpreta os acontecimentos à luz das Escrituras, proclama que Jesus foi crucificado por mãos ímpias, mas Deus o ressuscitou dos mortos e o exaltou à sua destra. Então, com autoridade, Pedro conclama todos ao arrependimento, à fé e ao batismo. Sua voz lança os fundamentos da Igreja e da missão cristã.

E, hoje, nós nos unimos a esse quinteto, para proclamar que “Cristo de fato ressuscitou dos mortos.” (1Co 15.20, NVT).

Mateus, o primeiro-tenor

Comecemos pela voz do que nos conclama a adorar: Mateus, o primeiro-tenor.

Mateus 28.1-10 (NVT)

¹Depois do sábado, no primeiro dia da semana, bem cedo, Maria Madalena e a outra Maria foram visitar o túmulo.

²De repente, houve um grande terremoto, pois um anjo do Senhor desceu do céu, rolou a pedra da entrada e sentou-se sobre ela. ³Seu rosto brilhava como um relâmpago, e suas roupas eram brancas como a neve. ⁴Quando os guardas viram o anjo, tremaram de medo e caíram desmaiados, como mortos.

⁵Então o anjo falou com as mulheres. “Não tenham medo”, disse ele. “Sei que vocês procuram Jesus, que foi crucificado. ⁶Ele não está aqui! Ressuscitou, como tinha dito que aconteceria. Venham, vejam onde seu corpo estava. ⁷Agora vão depressa e contem aos discípulos que ele ressuscitou e que vai adiante de vocês para a Galileia. Lá vocês o verão. Lembrem-se do que eu lhes disse!”

⁸As mulheres saíram apressadas do túmulo e, assustadas mas cheias de alegria, correram para transmitir aos discípulos a mensagem do anjo. ⁹No caminho, Jesus as encontrou e as cumprimentou. Elas correram para ele, abraçaram seus pés e o adoraram. ¹⁰Então Jesus lhes disse: “Não tenham medo! Vão e digam a meus irmãos que se dirijam à Galileia. Lá eles me verão”.

A frase de destaque na narrativa de Mateus é a do **versículo 2**: “De repente, houve um grande terremoto, pois um anjo do Senhor desceu do céu, rolou a pedra da entrada e sentou-se sobre ela.” Trata-se de um detalhe exclusivo — nenhum outro evangelista o menciona. Com isso, Mateus revela que a ressurreição é um acontecimento sísmico — o qual, literalmente, abalou, agitou, fez tremer a terra. De fato, ele descreve esse evento como a explosão de uma força avassaladora que emite ondas de energia que abalam

não só o planeta, mas o cosmos. O terremoto torna-se, assim, uma imagem dramática que expressa o impacto histórico e cósmico do Cristo ressuscitado.

Esse detalhe nos alerta para as consequências da ressurreição.

PENSE: Quando se noticia um terremoto, naturalmente queremos saber como ele afetou a comunidade: vidas foram perdidas, ou foram salvas? Houve atos de egoísmo ou heroísmo? Da mesma forma, o terremoto mencionado por Mateus desperta nosso interesse pelos desdobramentos daquele momento singular: à medida que as ondas de energia da ressurreição se espalharam, o que aconteceu? Como os homens reagiram?

Ao narrar o impacto sísmico da ressurreição na história humana, Mateus observa seis reações distintas, em **Mateus 28**:

1. **Versículo 4**: “Quando os guardas viram o anjo, tremeram de medo e caíram desmaiados, como mortos.”;
2. **Versículo.8**: “As mulheres saíram apressadas do túmulo e, assustadas mas cheias de alegria, correram para transmitir aos discípulos a mensagem do anjo.”;
3. **Versículo 9**: “Elas correram para ele, abraçaram seus pés e o adoraram.”;
4. **Versículo13**: Os principais sacerdotes subornaram os guardas e lhes ordenaram: “Vocês devem dizer o seguinte: ‘Os discípulos de Jesus vieram durante a noite, enquanto dormíamos, e roubaram o corpo’”.;
5. **Versículo 15**: “Os guardas aceitaram o suborno e falaram conforme tinham sido instruídos.”;
6. **Versículos 16-17**: “Então os onze discípulos partiram para a Galileia e foram ao monte que Jesus havia indicado. Quando o viram, o adoraram; alguns deles, porém, duvidaram.”

Essas respostas formam um amplo espectro: do terror à mentira, do suborno ao temor reverente, da dúvida à grande alegria, culminando na adoração. Nenhuma dessas reações é trivial. E mais: a ressurreição não provocou uma reação uniforme — mas tam-

pouco deixou alguém indiferente. Todos os que se encontravam nas imediações foram profundamente impactados por esse abalo sísmico da vida que venceu a morte.

Mateus distribui atenção quase igualitária a cada resposta, mas uma delas se sobressai: **a adoração**. As mulheres (v. 9) e os discípulos (v. 17) reagem *adorando*. Entre essas manifestações de reverência, inserem-se as atitudes de mentira e suborno — respostas que funcionam como contraste e, justamente por isso, realçam ainda mais a *adoração*. Para Mateus, esta é a resposta mais apropriada diante da ressurreição: **adorar**.

A escolha do vocabulário, pelo evangelista, reforça sua perspectiva. Os imperativos — verbos que exigem ação — estão presentes com frequência e imprimem à narrativa um dinamismo eletrizante. Dirigir uma ordem a alguém é convocá-lo à decisão. Por isso, as palavras de **Mateus 28** evidenciam como as ondas da ressurreição atravessam até as células da vontade humana:

- **Versículo 5:** “Não tenham medo”;
- **Versículo 6:** “Venham, vejam onde seu corpo estava.”;
- **Versículo 7:** “Agora vão depressa e contem aos discípulos”;
- **Versículo 10a:** “Não tenham medo!”;
- **Versículo 10b:** “Vão e digam a meus irmãos”;
- **Versículo 13:** [Instruíram os soldados:] “Vocês devem dizer o seguinte”;
- **Versículo 19:** “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações.”

Nenhum outro evento da história rivaliza com a ressurreição em seu impacto sobre a vontade humana. A maneira como alguém responde a ela é a reação mais decisiva e reveladora de toda a sua vida. Com notável habilidade literária e teológica, Mateus constrói sua narrativa como um registro das reverberações sísmicas da ressurreição de Jesus — reverberações que continuam a ecoar através dos tempos, exigindo, de cada um de nós, uma resposta. E **a resposta apropriada é adoração**, uma adoração que faz sair em missão, buscando ainda mais adoradores para o Cristo — aquele que foi tirado da cruz, colocado em um túmulo, mas Deus o ressuscitou dentre os mortos (At 13.29-30).

Marcos, o segundo-tenor

Agora, ouçamos a voz do que conclama à conversão: Marcos, o segundo-tenor.

Marcos 16.1-8 (NVT)

¹Ao entardecer do dia seguinte, terminado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé foram comprar especiarias para ungir o corpo de Jesus. ²No domingo de manhã, bem cedo, ao nascer do sol, elas foram ao túmulo. ³No caminho, perguntavam umas às outras: “Quem removerá para nós a pedra da entrada do túmulo?”. ⁴Mas, quando chegaram, foram verificar e viram que a pedra, que era muito grande, já havia sido removida.

⁵Ao entrarem no túmulo, viram um jovem vestido de branco sentado do lado direito. Ficaram assustadas, ⁶mas ele disse: “Não tenham medo. Vocês procuram Jesus de Nazaré, que foi crucificado. Ele não está aqui. Ressuscitou! Vejam, este é o lugar onde haviam colocado seu corpo. ⁷Agora vão e digam aos discípulos, incluindo Pedro, que Jesus vai adiante deles à Galileia. Vocês o verão lá, como ele lhes disse”.

⁸Trêmulas e desorientadas, as mulheres fugiram do túmulo e não disseram coisa alguma a ninguém, pois estavam assustadas demais.

O Evangelho de Marcos é uma narrativa ágil e incisiva acerca do que Jesus disse e ao vir ao mundo para entregar “a sua vida em resgate por muitos” (10.45). Sem preâmbulos — não há, por exemplo, qualquer menção ao nascimento de Jesus —, Marcos nos conduz por uma jornada ofegante e intensa, mergulhando-nos diretamente na ação. Expressões como “em seguida”, “certa vez”, “em tal dia”, “imediatamente” e “logo”, recorrentes nas traduções em português, imprimem ritmo e urgência à narrativa. Envolvidos por essa cadência acelerada, ansiamos saber o que acontecerá a seguir. Parece Netflix, o leitor fica querendo maratona através dos dezesseis capítulos da “série”.

Esse estilo direto e dinâmico é mantido também no **capítulo 16**, — o “último episódio” — onde Marcos relata a ressurreição. Três mulheres vão ao túmulo e o encontram vazio (versículos 1-4). Um anjo lhes anuncia que Jesus ressuscitou e lhes transmite instruções (versículos 5-7). Em seguida, Marcos nos oferece uma de suas cenas mais impactantes (**versículo 8**): “Trêmulas e desorientadas, as mulheres fugiram do túmulo e não disseram coisa alguma a ninguém, pois estavam assustadas demais.” E termina aí.

Ora, não é, à primeira vista, a reação que se esperaria diante de um acontecimento tão glorioso. Queremos saber o que vem depois. Como termina essa história? Marcos não nos conta. O que temos a seguir, do versículo 9 até o final do livro, é um compilado de relatos conhecidos na tradição da Igreja — um acréscimo posterior ao texto original.

Marcos nos deixa com as mulheres “trêmulas e desnorteadas, [fugindo,] pois estavam assustadas demais” (v. 8).

A experiência daquelas mulheres, mergulhadas em dor e dispostas a cumprir os ritos funerários, é o ponto de partida do relato da ressurreição. Sua devoção silenciosa é interrompida por duas surpresas: a pedra fora removida (16.4) e o túmulo agora está vazio (16.5-6). Nesse estado de perplexidade, elas recebem uma mensagem celestial, composta por quatro *afirmações* simples (16.6-7): [1.] Jesus ressuscitou; [2.] ele não está ali; [3.] o túmulo está vazio; e [4.] ele vai adiante para a Galileia. A isso se seguem duas *ordens*: [1.] “não tenham medo” (16.6) e [2.] “vão e digam aos discípulos, incluindo Pedro” (16.7). E, por fim, uma *promessa*: *vocês verão Jesus* (16.7).

Temos, assim, uma **base factual** (*Jesus ressuscitou; não está ali; túmulo vazio; ele vai adiante para a Galileia*); essa base de fatos sustenta uma **dupla ordem** (*não temas; vão e digam*), e faz também **uma promessa** (*vocês verão Jesus*).

Subjetivamente, reina o espanto; objetivamente, prevalece a mensagem divina.

Essa combinação produz uma experiência decisiva (Marcos 16.8): “Trêmulas e desnorteadas, as mulheres fugiram do túmulo e não disseram coisa alguma a ninguém, pois estavam assustadas demais.”

Psicologicamente, trata-se de uma situação que exige resolução. Há uma necessidade humana urgente de conclusão. Marcos nos posiciona no centro da ação e nos convida a sentir, pessoalmente, a emoção diante da súbita consciência de que Jesus ressuscitou. É impossível manter uma postura meramente analítica ou objetiva diante dessa cena. A narrativa clama por um desfecho. Ela evoca participação.

Contudo, como já se disse, os manuscritos gregos mais antigos encerram-se precisamente nesse ponto, no versículo 8. Se Marcos escolheu deliberadamente terminar sua obra ali ou se o final do manuscrito original perdeu-se com o uso constante, não há consenso. O que se sabe é que ninguém — nem na Antiguidade, nem hoje — se sente plenamente satisfeito com esse encerramento (ou com a ausência dele). O vácuo precisa ser preenchido. Um final precisa ser fornecido. A própria história textual do Evangelho de Marcos registra a tentativa de “completar” o relato (16.9-20).

Esse impulso quase universal de adicionar um desfecho à narrativa revela o quanto Marcos foi eficaz em sua condução e o quão decisivo é o versículo 8. A ressurreição não se completa até que se realize na história pessoal. Quando alguém compreende que Cristo ressuscitou, pode reagir com subjetividade: temor, júbilo ou dúvida.

No entanto, essas reações, diante dos fatos, das ordens e da promessa contidas na mensagem divina, exigem uma resposta objetiva, concreta. A ressurreição demanda um desfecho — e esse desfecho só pode ser oferecido por meio da **fé individual**.

Lucas, o barítono

Além do relato das mulheres diante do túmulo vazio na manhã da Páscoa — episódio comum aos demais evangelhos —, Lucas apresenta dois relatos relativamente longos sobre aparições do Cristo ressuscitado: primeiro, a dois homens no caminho de Emaús, na tarde e noite daquele mesmo domingo (24.13-35); depois, a todos os discípulos reunidos em Jerusalém, naquela mesma noite (24.36-49).

Essas duas narrativas funcionam como veículos por meio dos quais Lucas amplia nossa compreensão da ressurreição. Seu relato impede que a reduzamos a um evento isolado — por mais impactante que seja — ou a uma experiência meramente subjetiva — por mais intensa que pareça. Lucas entrelaça o significado da ressurreição com o que a precede e com o que dela decorre. Para ele, toda a história anterior culmina nesse evento, e toda a história futura dele se origina.

Seu método é entrelaçar os acontecimentos com referências tanto às Escrituras quanto aos fatos recentes. POR EXEMPLO: **Os dois homens no caminho de Emaús** iam conversando “a respeito de tudo que havia acontecido” (24.14); ao encontrá-los, o Senhor Jesus os ouve recontarem os episódios marcantes da sua própria vida e ministério (24.19-24); em seguida, oferece-lhes uma exposição das Escrituras, relacionando-as com sua morte e ressurreição (24.27); mais tarde, eles mesmos reconhecem essa conexão entre o passado e o evento da ressurreição (24.32).

Ao reunir-se com os onze, Jesus os faz lembrar: “Enquanto ainda estava com vocês, eu lhes falei que devia se cumprir tudo que a lei de Moisés, os profetas e os salmos diziam a meu respeito” (24.44). Ele ancora a ressurreição na profecia antiga: “está

escrito que o Cristo haveria de sofrer, morrer e ressuscitar no terceiro dia” (24.46). E, nos versículos finais do Evangelho (24.47-53), Lucas projeta o evento para o futuro, anunciando o arrependimento, o perdão dos pecados, a missão de pregar o evangelho, a vinda do poder prometido, a grande alegria e a adoração contínua:

⁴⁷[está escrito também] que a mensagem de arrependimento para o perdão dos pecados seria proclamada com a autoridade de seu nome a todas as nações, começando por Jerusalém. ⁴⁸Vocês são testemunhas dessas coisas.

⁴⁹“Agora, envio a vocês a promessa de meu Pai. Mas fiquem na cidade até que sejam revestidos do poder do céu”.

⁵⁰Depois Jesus os levou a Betânia e, levantando as mãos para o céu, os abençoou. ⁵¹Enquanto ainda os abençoava, deixou-os e foi elevado ao céu. ⁵²Então eles o adoraram e voltaram para Jerusalém cheios de grande alegria. ⁵³**E estavam sempre no templo, louvando a Deus.**

Entre os quatro Evangelhos, o relato de Lucas é o mais extenso. Ele oferece mais detalhes e os desenvolve com profundidade. Seu propósito é nos fazer compreender a ressurreição. Sua organização textual tem a intenção de expandir nossa imaginação e permitir que captemos a amplitude do acontecimento.

Em outras palavras, a ressurreição, segundo Lucas, é abrangente, e pé no chão. Ela reúne os fragmentos dispersos da vida histórica, religiosa e cultural da humanidade, e os integra em um todo coeso e redentor com o cotidiano da gente.

Trocando em miúdos: **Cristo morreu e ressuscitou por gente como a gente** — com os pés sujos de terra de tanto caminhar; gente cansada, que anda pra lá e pra cá, às vezes até decepcionada. Foi por gente assim que ele ressuscitou. Foi por nós. Foi para nos encher de grande alegria em Cristo, e nos inserir na igreja (24.52-53).

João, o contratenor

Crer na ressurreição de Jesus não é algo simples. Há muitos impostores no mundo, inúmeros enganos religiosos. Como saber se a ressurreição não foi uma farsa? Afinal, a história está repleta de fraudes espirituais. A ideia de ressurreição, inclusive, era tema recorrente nas religiões da Antiguidade. Que evidências temos de que a ressurreição de Jesus não foi apenas mais uma entre tantas histórias contadas?

O relato de João foi escrito precisamente para responder a essas perguntas legítimas com evidências convincentes. Sua narrativa possui um objetivo claro: **persuadir**.

João 20.30-31 (NVT)

³⁰Os discípulos viram Jesus fazer muitos outros sinais além dos que se encontram registrados neste livro. ³¹Estes, porém, estão registrados para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo nele, tenham vida pelo poder do seu nome.

No vocabulário de João, “crer” não significa apenas aceitar algo como verdadeiro; envolve uma entrega radical de vida àquele que sacia a fome e a sede da alma. Por isso, João deseja apresentar fatos que dissipem dúvidas sinceras e conduzam a um compromisso pessoal — fruto da experiência de quem provou e viu. Assim sendo, ao narrar a ressurreição, este evangelista se esforça em destacar a credibilidade histórica do evento, sublinhando detalhes que reforçam sua veracidade.

Em **João 20.1-10**, Pedro e João, informados por Maria Madalena de que o túmulo está vazio, correm para averiguar. O que veem os leva a crer. A disposição das faixas de linho que estiveram sobre a cabeça de Jesus constitui uma evidência visual contundente. Afinal, ladrões de túmulos jamais teriam se dado ao trabalho de deixar tudo dobrado e muito bem arrumado.

João 20.3-8 (NVT)

³Pedro e o outro discípulo foram ao túmulo. ⁴Os dois corriam, mas o outro discípulo foi mais rápido que Pedro e chegou primeiro ao túmulo. ⁵Abaixou-se, olhou para dentro e viu ali as faixas de linho, mas não entrou. ⁶Então Simão Pedro chegou e entrou. Também viu ali as faixas de linho ⁷e notou que o pano que cobria a cabeça de Jesus estava dobrado e colocado à parte. ⁸O discípulo que havia chegado primeiro ao túmulo também entrou, **viu e creu**.

Em **João 20.11-18**, Maria Madalena, chorando junto ao túmulo, encontra-se com Jesus. A princípio, não o reconhece. Mas, ao **ouvir** seu nome na voz de Jesus, reconhece-o e **vê** sua forma física. Sua declaração aos discípulos é reveladora: “Vi o Senhor!” (20.18).

Em **João 20.19-23**, os discípulos, reunidos com medo naquela noite, recebem a visita do Ressuscitado. Para confirmar a realidade do que estão presenciando, Jesus lhes mostra as marcas da crucificação em suas mãos e lado — então, “Eles se encheram de alegria quando **viram o Senhor**” (20.20).

Em **João 20.24-29**, Tomé, ausente no primeiro encontro, recusa-se a crer no testemunho dos demais. Jesus aparece novamente e oferece a ele prova palpável: “**Ponha seu dedo** aqui, e veja minhas mãos. **Ponha sua mão** na marca em meu lado. Não seja incrédulo. Creia!” (20.27).

Nesses quatro episódios, os sentidos da *visão*, *audição* e *tato* estão plenamente envolvidos. Em cada um, pessoas passam da incredulidade à fé com base em evidências diretas. João constrói uma estrutura narrativa que permite aos leitores atravessarem o vale da dúvida e do ceticismo.

Graças ao seu testemunho, há espaço na igreja para perguntas sinceras e incertezas honestas. João não exige que se creia “a qualquer custo”. Ele entende que a fé mais sólida nasce do coração que busca e da mente que reflete. Seu objetivo não é impor a crença, mas conduzir ao assentimento por meio de sinais claros e verificáveis.

Seu Evangelho está repleto desses “sinais” — poderíamos chamá-los, sem exagero, de “provas” —, eventos concretos na vida de Jesus que fornecem evidências autênticas de que ele é o Filho de Deus, o Salvador do mundo (20.30-31).

Pedro, o baixo

A última voz do quinteto: Pedro, o baixo.

Atos 2.32-33 (NVT)

³²Foi esse Jesus que Deus ressuscitou, e todos nós somos testemunhas disso. ³³Ele foi exaltado ao lugar de honra, à direita de Deus. [...]

Este trecho pertence à seção da proclamação de Pedro no dia de Pentecostes. Naquela ocasião, o apóstolo explicava os fenômenos presenciados pelo povo: o som como de um vento impetuoso, línguas semelhantes a fogo pousando sobre os discípulos e o fato de todos começarem a falar em diferentes idiomas, conforme o Espírito lhes concedia. Assim, judeus oriundos de diversas partes do mundo os ouviam proclamar as grandezas de Deus em suas próprias línguas (At 2.2-11).

Ao defender os discípulos da acusação de estarem embriagados (At 2.13), Pedro demonstrou coragem e evidenciou a transformação que havia experimentado. Aquele que outrora negara Jesus agora “deu um passo à frente com os onze apóstolos e dirigiu-

se em alta voz à multidão” (At 2.14). Afirmou que aquelas manifestações extraordinárias eram sinais de que Jesus — rejeitado e crucificado pela nação — era, de fato, o Messias, ressuscitado dentre os mortos e exaltado à destra de Deus, tendo Ele concedido o Espírito prometido pelos profetas (At 2.22–36). Leia **Atos 2.32-36** (NVT):

³²“Foi esse Jesus que Deus ressuscitou, e todos nós somos testemunhas disso. ³³Ele foi exaltado ao lugar de honra, à direita de Deus. E, conforme havia prometido, o Pai lhe deu o Espírito Santo, que ele derramou sobre nós, como vocês estão vendo e ouvindo hoje. [...] ³⁶“Portanto, saibam com certeza todos em Israel que a esse Jesus, que vocês crucificaram, Deus fez Senhor e Cristo!”.

Sim, Jesus ressuscitou. Pedro, aqui no livro de Atos, juntamente com os quatro Evangelhos, dá testemunho desse fato extraordinário — o maior da história. Ainda que céticos e críticos se oponham com sarcasmo ou até com perseguição, a ressurreição permanece como a verdade que transforma o mundo.

A Regência do Espírito Santo

No quinteto da ressurreição, cada evangelista entoa sua própria melodia, com timbre e propósito distintos — como vozes de um conjunto sob a regência do Espírito Santo.

1. A voz do **primeiro-tenor Mateus** convida à *adoração* de Cristo.
2. A voz do **segundo-tenor Marcos** convoca à *conversão* a Cristo.
3. A voz do **tenor Lucas** chama gente como a gente à *comunhão* com Cristo e o povo de Cristo, na comunhão da igreja.
4. A voz do **contratenor João** nos conduz da dúvida à fé, por meio de sinais que revelam a divindade do Cristo ressurreto — é um chamado à *convicção*.
5. E a voz do **baixo Pedro**, em Atos, é a voz que proclama a ressurreição e lança os fundamentos da Igreja — é a voz da *contrição*.

Juntas, essas cinco vozes não cantam em uníssono, mas em harmonia. Cada uma traz uma nuance indispensável à sinfonia da ressurreição. Elas proclamam a mesma verdade, mas com tonalidades diferentes — e é na beleza dessa diversidade que se revela a plenitude do evangelho.

Sim! Jesus ressuscitou. Mateus, Marcos, Lucas, João e Pedro dão testemunho desse fato maravilhoso — o maior de toda a história. E você? Que resposta dará? Creia. Insira sua história na história de Cristo. Viva pela verdade. Estude e proclame a Palavra. E viva para adorar ao Cristo que morreu, mas venceu a morte. Ele é Senhor e Rei!

“Mas Cristo de fato ressuscitou dos mortos.”

1Coríntios 15.20 (NVT)

S.D.G. L.B.Peixoto